

O comportamento de cães e gatos: sua importância para a saúde pública*(Dogs and cats behaviour: the importance to the public health)*

GRISOLIO, Ana Paula Rodomilli^{1*}; PICINATO, Mirelle Andréa de Carvalho¹; NUNES, Juliana Olivencia Ramalho²; CARVALHO, Adolorata Aparecida Bianco¹

¹Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias, Câmpus de Jaboticabal, São Paulo, Departamento de Medicina Veterinária Preventiva e Reprodução Animal

²Universidade de Rio Verde (UniRV), Departamento de Medicina Veterinária

*Autor para correspondência: anapaula_1ta@yahoo.com.br

Artigo enviado em: 04/04/2017, aceito para publicação em 03/05/2017

DOI: <http://dx.doi.org/10.4025/revcivet.v4i1.36562>

RESUMO

Os cães e os gatos convivem próximos aos seres humanos a aproximadamente 12 mil e 4 mil anos atrás, respectivamente. Nessa relação inúmeros benefícios são relatados para a saúde física e psicológica de ambas as partes, demonstrando auxiliar desde a redução do estresse e da pressão sanguínea até facilitar o contato social entre pessoas, diminuindo assim gastos com a saúde e melhorando aspectos do bem-estar humano e animal. Porém, quando essa relação não é acompanhada pelo correto conhecimento sobre cuidados básicos e sobre o comportamento natural ou alterado dos cães e gatos, problemas sérios podem surgir como aqueles relacionados aos agravos causados por animais, por exemplo, que geram ferimentos e/ou que, podem facilitar a transmissão de zoonoses, importantes para a saúde pública. Assim, destaca-se a importância do estudo do comportamento de animais de estimação, em especial os cães e os gatos, na tentativa de auxiliar a amenizar essas situações indesejadas. Também busca-se inserir o médico veterinário neste contexto, por ser um profissional que possui habilitação para transmitir informações sobre o comportamento de cães e gatos e guarda responsável desses animais. A integração entre os serviços médicos e médicos veterinários deve ser um elo importante nesse trabalho, na tentativa de auxiliar nos trabalhos da Vigilância Epidemiológica e também na promoção da saúde pública.

Palavras-chave: animais de estimação, zoonoses, bem-estar, agravos causados por animais/, vigilância epidemiológica

ABSTRACT

Dogs and cats lives with humans approximately 12,000 and 4,000 years ago, respectively. In this relationship many benefits are reported for the physical and psychological health of both, demonstrating by helping with the reduce of stress and blood pressure and facilitating social contact between people, thus reducing health spending and improving aspects of human and animal welfare. However, when this relationship is not accompanied by the correct knowledge about basic care and the natural or altered behavior of dogs and cats, serious problems can arise as the attacks caused by animals, for example, that causes injuries and/or, can facilitate the transmission of zoonoses, which are important for public health. It is important to study the behavior of pets, especially dogs and cats, in an attempt to help with these unwanted situations. Other point is to insert the veterinarian in this context, because is the professional which has the ability to transmit information about the behavior of dogs and cats and responsible care of these animals. The integration between medical and veterinary services should be an important link in this work, in an attempt to assist the Epidemiological Surveillance and also to promote the public health.

Key-words: Pets, zoonoses, animal welfare, attacks by animals/, epidemiological surveillance

INTRODUÇÃO

A importância da presença de animais na sociedade humana é indiscutível. Embora uma grande variedade de espécies venha conquistando espaço e adquirindo o *status* de animais de estimação, os cães e os gatos ainda são os preferidos e continuam soberanos em muitas residências.

Segundo a consultoria de mercado internacional Euromonitor, em estatísticas realizadas com dados de 53 países, a população de cães totaliza 335 milhões e a de gatos, 260 milhões (EUROMONITOR, 2016). No Brasil, de acordo com a Associação Brasileira de Indústria de Produtos para Animais (Abinpet), vivem 37,1 milhões de cães e 21,4 milhões de gatos, sendo o país que abriga a segunda maior população de cães e gatos do mundo, perdendo apenas para os Estados Unidos da América que apresenta 80 milhões de gatos e 66 milhões de cães (ABINPET, 2016). Os dados mostram a importância que as duas espécies de animais de estimação assumem nos cenários mundial e nacional, e atualmente observa-se um notável aumento na população felina, especialmente por suas características que parecem agradar a sociedade moderna, com a popularização de construções verticais, moradias menores e novos estilos de vida (NUNES, 2011; ABINPET, 2016).

Essa relação cada vez mais próxima entre os humanos e os seus animais de estimação tem implicações diretas no equilíbrio do comportamento diário entre ambos, podendo provocar situações de prazer emocional ou de conflito (SANTOS, 2014). Inúmeros são os benefícios para a saúde física e psicológica de ambas as partes envolvidas nessa interação. O lado positivo demonstra auxílio na redução do estresse e da pressão sanguínea, na prevenção de doenças cardíacas, no combate à depressão e à obesidade, além de facilitar o contato social entre pessoas. Dessa forma, cães e gatos

tornaram-se companhias de muitas famílias, de idosos e de crianças, de deficientes visuais, de pessoas que moram sozinhas, nas equipes de busca e de resgate, ou como suporte para pessoas com necessidades físicas e psicológicas. Também se destacam os benefícios envolvidos na relação humano-animal em hospitais, especialmente para auxiliar na recuperação de pacientes com câncer ou outras doenças graves (DEL-CLARO E PREZOTO, 2003; DOTSON E HYATT, 2008).

Por outro lado, esse convívio estreito pode representar riscos para a saúde pública. Quando não existe uma relação saudável baseada nos cuidados básicos que os proprietários devem ter com seus animais de estimação, doenças podem ser transmitidas desses para os seres humanos e vice-versa. Também quando não há o conhecimento adequado ou suficiente sobre o comportamento inerente aos cães e gatos, acidentes como mordeduras e/ou arranhaduras podem acontecer, havendo o risco de transmissão da raiva ou de outras enfermidades importantes (MARINELLI *et al.*, 2007; REICHMANN, 2007).

De acordo com Chang *et al.* (1997) e Patrick e O'rourke (1998), os custos diretos e indiretos relacionados ao tratamento médico relacionados a esse quadro de acidentes e doenças são elevados, consumindo recursos que poderiam ser aplicados em programas de promoção à saúde e merecem a atenção não somente dos serviços médicos, mas também, dos médicos veterinários.

O COMPORTAMENTO ANIMAL E A SAÚDE PÚBLICA

Para melhor compreender essa interação e o vínculo emocional envolvido, é necessário conhecer a origem dos caninos e dos felinos. Segundo Derr (2011), a parceria humano/cão é antiga e novos estudos genéticos e arqueológicos defendem que os cães apareceram há pelo menos 30

mil ou 40 mil anos, quando o *Homo sapiens* se comportava como nômade. Entretanto, a teoria mais aceita é a que, há mais ou menos 12 mil anos, houve o início de uma relação mutualista entre as espécies, em que os cães foram moldados pelos seres humanos. Já os gatos começaram a morar dentro de casa há cerca de 4 mil anos, no antigo Egito, embora convivam com os humanos há aproximadamente 10 mil anos (BRADSHAW, 2012). O ser humano passou a ser mais sedentário, após o domínio da atividade de agricultura, e começou a cuidar dos animais em um processo natural, remodelando os elos entre as pessoas e os cães e gatos da nossa atualidade (LANTZMAN, 2007).

Segundo Fox (1971), como consequência da domesticação, as alterações na seleção genética, do ambiente social e ecológico, ao longo da história filogenética e/ou ontogenética, os animais sofreram atrofias e hipertrofias, reordenaram os componentes comportamentais e adquiriram novos padrões no processo de desenvolvimento. Para o autor, melhoraram a eficiência de uma função original. Como exemplo, podem-se observar as habilidades dos cães da raça Border Collie de pastorear, de cercar e encurralar as ovelhas.

Conhecendo melhor o histórico dos cães, nota-se que foram parte integrante de várias culturas, especialmente no império romano, em uma relação mutuamente benéfica. Trabalhavam como cães pastores ou cães de guarda e, no caso daqueles de porte pequeno, foram criados como animais de estimação. Apesar dessa favorável interação, o comportamento de viver em grupos (matilhas) originários provavelmente de um ancestral comum, o lobo, foi preservado, mesmo após a domesticação. Por outro lado, a característica de estabelecer uma hierarquia social entre os cães, havendo um dominante (alfa), é uma teoria que vem sendo colocada em dúvida. Estudos

realizados no Reino Unido e nos EUA demonstraram que nem sempre os cães seguem o animal dominante em uma matilha, preferindo aquele que possui maior atenção pelos humanos. Outro ensaio com animais da raça Golden Retriever, em que realizavam brincadeiras, o ato de deixar o animal ganhar ou perder não influenciava em suas atitudes no grupo. Dessa forma, os pesquisadores afirmam que os cães não são lobos, como muito se tem afirmado, e possuem sistemas sociais diferentes de seus ancestrais e comportamentos distintos, como o de olhar a expressão facial de seus parceiros humanos (SÃO PAULO, 2004; FARACO, 2008).

Por outro lado, estudos realizados com sequências genéticas caninas apontam em seus resultados diferenças significativas entre o cão doméstico e o seu provável antecessor, o lobo. Porém, mesmo diante dessas diferenças, é possível estabelecer paralelos em características comportamentais, como por exemplo, a posição típica e tensa em cães na caça, que recorda o comportamento expresso pelo lobo, demonstrando uma herança genética entre ambas as espécies (FARACO, 2008).

Com relação aos gatos, estes possuem sua origem em um felino selvagem (*Felix silvestris*), e em um primeiro momento foram domesticados apenas para controlar o número de ratos, mantendo o interesse dos seres humanos em preservar o seu comportamento selvagem. Sua história foi transformadora ao longo dos séculos; inicialmente honrado e adorado como um deus no antigo Egito, era considerado um animal sagrado, sendo proibido matá-lo. Era mumificado e colocado em sarcófago durante os funerais de famílias ricas. Os gregos e os romanos também reconheceram o seu valor como caçador de camundongos, o que iniciou a sua conquista em outras sociedades (SÃO PAULO, 2004; BRADSHAW, 2012).

Já na Idade Média, os gatos perderam sua popularidade, pois foram associados à adoração, desta vez, ao mal, à bruxaria. O papa Gregório IX publicou uma bula papal relacionando os gatos pretos ao demônio. Essa perseguição na Europa também foi relacionada à peste negra, doença transmitida pela pulga dos ratos, sendo por isso associada aos gatos, custando a vida de milhares deles. Muito dessa superstição persiste e, ainda hoje, é comum o medo do gato preto e do azar que ele possa causar (SERPELL, 2000; BEAVER, 2003; BRADSHAW, 2012).

Na metade do século XVIII, os gatos foram novamente considerados bons animais de estimação e voltaram a conviver com os humanos. Eram escolhidos principalmente pela facilidade de tratamento, pela graça e pela beleza. Também interagem bem com as pessoas, demonstrando sociabilidade e afeição (SÃO PAULO, 2004; BRADSHAW, 2012).

Atualmente, a relação humano-animal, por ser dinâmica e incluir muitos benefícios, deve ser considerada na prática do dia-a-dia da clínica veterinária, e não apenas nos ramos da psicologia ou do bem-estar animal. É essencial que o médico veterinário conheça as bases que envolvem essa interação, de uma forma que ele possa contribuir para manter o equilíbrio harmônico entre as pessoas e os seus animais de estimação (MEDITSCH, 2006).

Muitas vezes, a companhia humana pode modelar o comportamento animal negativamente. Além disso, esse comportamento pode ser interpretado de maneira incorreta, gerando sérios problemas como agressões por cães e gatos. Somente os cães representam 80% dos agentes causadores dos ataques e essas situações levam muitos proprietários a punirem seus animais ou abandoná-los. (FRIAS *et al.*, 2011).

A maior preocupação nesses acidentes é a possibilidade da transmissão da raiva, uma doença aguda e fatal que afeta o sistema nervoso central. Atualmente, a raiva causa em torno de 40 mil a 70 mil óbitos ao ano, sendo que 95% desses casos estão concentrados nos continentes africano e asiático, os quais representam 75,7% da população mundial (WHO, 2016).

Ainda, no Brasil, segundo dados do Ministério da Saúde, gasta-se 27 milhões de dólares, a cada ano, com a aquisição de imunobiológicos para o tratamento antirrábico pós-exposição de cerca de 230 mil pessoas que são encaminhadas para a vacinação e/ou sorovacinação previstas no tratamento. Também estima-se que 400 mil pessoas ao ano, em média, buscam o atendimento médico em decorrência de um agravo causado por animais (BRASIL, 2011). Assim, esses acidentes são caracterizados como um grave problema de saúde pública. No entanto, não é apenas a possibilidade de transmissão da raiva que deve ser envolvida nessas situações, mas também a ocorrência de outras enfermidades que podem ser transmitidas pelos animais aos humanos e vice-versa, denominadas zoonoses (REICHMANN, 2007; GRISOLIO, 2014).

Os autores Acha e Szyfres (2001) descreveram 174 zoonoses em sua obra “Zoonoses e enfermidades transmissíveis comuns ao homem e aos animais”, publicada pela Organização Panamericana de Saúde – OPAS. Dessas, 80 são enfermidades zoonóticas em comum com cães e, pelo menos 20, são em comum com gatos. Ainda, 50 podem ser transmitidas pela arranhadura ou mordedura desses animais, como por exemplo, o tétano, causado pelos esporos da bactéria *Clostridium tetani*; a pasteurelose, causada pela bactéria *Pasteurella multocida*; a Doença da arranhadura do gato, causada pela bactéria *Bordetella henselae*; e as infecções múltiplas de

órgãos causadas pela bactéria *Capnocytophaga* sp. A transmissão das bactérias *Leptospira* sp, *Staphylococcus aureus* e *Streptococcus hemolítico* e de outras infecções secundárias, podem surgir em decorrência dos ferimentos provocados pelas mordeduras e arranhaduras, quando não devidamente medicados. A prevenção e o controle dessas enfermidades são considerados um desafio para a saúde pública. (ACHA e SZYFRES, 2001; JENKINS, 2002; NASPHV, 2004; REICHMANN, 2007).

Neste contexto que o médico veterinário assume um importante papel, pois é o único profissional que possui amplo conhecimento sobre a clínica, a prevenção e o controle de enfermidades zoonóticas, além do comportamento animal. Como mencionado, muitas zoonoses são transmitidas por pequenos animais e podem ser prevenidas por meio de medidas profiláticas adotadas por seus proprietários. Assim, o profissional veterinário, ao transmitir informações a respeito de cuidados e prevenção de doenças nos cães e gatos, estará contribuindo para a saúde humana, especialmente nos grupos mais vulneráveis como crianças, idosos e imunocomprometidos (MEDITSCH, 2006).

Conhecer e esclarecer assuntos relacionados ao comportamento animal, de uma forma geral, torna-se imprescindível para a prática clínica. Nas clínicas veterinárias são comuns situações em que proprietários demonstram o seu sentimento por seus animais, tratando-os como pessoas. Devido à falta de conhecimento, acabam humanizando os animais e atribuindo caracteres antropomórficos como astúcia, crueldade ou coragem. Isso pode gerar ansiedade, dependência emocional e problemas de agressividade. É importante que o proprietário tenha a percepção que, por exemplo, um cão não sente culpa por ter feito uma bagunça, nem sente ciúmes do seu proprietário (FARACO, 2008; NUNES, 2011).

Muitas situações são erroneamente interpretadas pelas pessoas, de uma forma geral. Um exemplo é o ataque de uma fêmea que está com a sua ninhada. O animal está apresentando um comportamento que é inerente à sua espécie, ou seja, a defesa da cria; como o acidente pode acontecer sem um motivo aparente, a fêmea passa a ser julgada como agressiva (ROSSI, 2004; CRUZ, 2012).

Vale lembrar que existem fatores genéticos e hereditários que podem influenciar na agressão, assim como hormônios; machos não esterilizados, fêmeas esterilizadas, fêmeas no final da gestação ou com filhotes possuem maior tendência agressiva, independentemente da presença de seus proprietários ou de outros indivíduos (SÃO PAULO, 2003).

O ambiente e as condições de vida do animal também devem ser considerados em uma avaliação veterinária. A falta de socialização, a imposição do castigo excessivo, a presença de um dono agressivo ou de outro animal, mimar, isolar do contato humano ou expor a brincadeiras frequentes de crianças, também podem influenciar na agressão. Identificar sinais de dominância do animal é imprescindível, desde filhote, para auxiliar na escolha do melhor cão ou gato para a família (SÃO PAULO, 2003).

O clínico veterinário, no seu dia-a-dia, deve orientar sobre qual é a melhor raça, sexo, porte e espécie para o seu cliente humano; considerar a faixa etária dos membros da família no momento da escolha de seu mascote; qual é a finalidade pretendida para o animal; se existe espaço adequado para a espécie e raça escolhidas; disponibilidade financeira e consciência de que um cão e um gato vivem, em média, de 14 a 18 anos. O profissional também deve transmitir aos proprietários a necessidade de se estabelecer uma relação não somente de carinho e confiança com

seu animal de estimação, mas também de respeito pelas suas características próprias, além de disciplina, de forma a educá-lo para uma convivência harmoniosa com a família e o ambiente em que irá viver (VELOSO *et al.*, 2011; GRISOLIO, 2014).

O conhecimento das necessidades físicas e psicológicas dos cães e dos gatos, por parte dos proprietários, permite entendê-los e tratá-los melhor. Esses animais, principalmente os cães, precisam de um espaço adequado na casa, dieta saudável com alimentos próprios para a espécie, exercícios físicos e atendimento médico veterinário para a manutenção de sua saúde. Somente animais saudáveis, vivendo em um ambiente apropriado, podem ser boas companhias para os seres humanos e contribuir para sua qualidade de vida (MOLENTO, 2003; TURNER, 2005).

As pessoas, de forma geral, costumam ignorar as reações previsíveis dos animais frente às suas atitudes. Comuns são as situações em que pessoas são mordidas ao separar uma briga entre animais; costumam jogar água, dar pauladas ou apenas gritar em casos de briga e não sabem que, muitas vezes, essas atitudes acabam instigando o animal a continuar atacando o outro. Deve-se ensinar formas mais adequadas para realizar a separação; ao invés de segurar os animais pela cabeça, tronco ou cauda, utilizar objetos que façam barulhos estridentes (sprays ou tampas de painéis) ou ainda, acionar extintores de CO₂ próximo ao local da briga, quando possível. É essencial que o médico veterinário oriente sobre como reconhecer os sinais que demonstram agitação entre os animais e que podem desencadear uma briga, como brincadeiras que envolvam mordidas mais violentas, rosnados e enfrentamentos entre cães e entre cães e gatos. Também é importante saber que, gestos como jogar uma toalha sobre a cabeça do animal que está apresentando os sinais de agitação

ou inserir objetos, como uma tampa grande de lixo, entre os dois animais, conduzindo cada um para um local diferente da residência, podem evitar as brigas e outros acidentes (GRISOLIO, 2014).

Outra questão importante é a compreensão dos sinais corporais e verbais de cães e gatos, o que, para os seres humanos, não é algo simples. Latidos, dependendo da intensidade e da duração, podem significar defesa territorial, mostrar que o animal está incomodado com algo ou com alguém, ou indicar um pedido, seja ele por comida, brinquedo ou atenção. Rosnados nem sempre sugerem que o cão irá agredir de imediato; ao não mostrar os dentes, ele está apenas advertindo que não está tranquilo com aquela situação. E também, gemidos, choros e uivos podem indicar dor, incômodo ou até mesmo estabelecimento de uma comunicação com outros cães (HORWITZ E NEILSON, 2007).

Ainda, para a espécie canina, o “abanar o rabo” nem sempre significa que o animal está apto a receber um carinho. Frequentes são situações de proprietários, médicos veterinários e funcionários de clínicas veterinárias os quais, acreditando que o animal estava contente e pedindo para brincar, sofreram mordeduras de cães “abanando o rabo”. Os cães, dependendo da posição da cauda, podem estar em uma situação de alerta, insegurança, medo ou atenção e observar esses detalhes torna-se importante ao aproximar-se deles. Se o animal balança a cauda de forma insistente em conjunto com a parte posterior do corpo, pode indicar que ele está feliz, agitado ou incomodado com algo ou alguém; se balança a cauda lentamente, também pode indicar que o cão está apreensivo; se a cauda está caída pesadamente e parada, indica que o animal está calmo e, dificilmente, irá atacar; já a cauda empinada é indicativo de um estado de alerta, e entre as patas, de medo. (HORWITZ E NEILSON, 2007; ENCICLOPETS, 2013).

Lambeduras, de uma forma geral, não significam carinho ou um beijo do cão ou gato; os animais lambem a face de pessoas demonstrando curiosidade, apaziguamento. Quando lambem o chão, indica tédio; quando lambem as patas, insistentemente, significa estresse; quando lambem o ar, pode haver um indício de dor em algum local que o próprio animal não consegue definir (HORWITZ E NEILSON, 2007).

A questão do olhar também é um ponto interessante a ser discutido. Evitar olhar fixamente nos olhos de um cão desconhecido é uma medida básica, pois esta ação pode significar desafio para o animal. Se ele olhar de viés, é indício de desconfiança (HORWITZ E NEILSON, 2007).

Outros gestos, como o ato de abocanhar, de modo que não apresente a intenção de infligir ferimento, segundo Horwitz e Neilson (2007), é uma forma de brincadeira ou de comunicação comum entre os cães; porém, podem tornar-se um problema, quando direcionadas a pessoas e o animal mostrar-se persistente, não respondendo à ordem apropriada para a cessação da brincadeira. Uma posição, da qual os proprietários costumam não compreender o significado, é aquela em que o cão permanece com a frente abaixada, o traseiro levantado e o olhar fixo na pessoa. É um indicativo de brincadeira ou de que o animal quer que corram atrás dele. Devido à falta de conhecimento e de interpretação correta, muitos donos entendem que o cão está em posição de ataque e acabam por puni-lo.

Quando o assunto são os gatos, os mesmos não exigem tanta atenção de seus donos e, geralmente, têm livre acesso às ruas. São autossuficientes e não têm necessidade de demonstrar emoções para se comunicar. Eles também costumam ser mais agressivos com outros de sua espécie do que com pessoas (proprietários ou estranhos). É uma resposta natural que eles têm

para disputas por território, medo ou brincadeiras (GENARO, 2005; CRUZ, 2012).

A espécie felina pode, em um determinado momento, querer um carinho e, logo em seguida, não querer mais. Esta é uma reação natural e, caso o dono insista na ação, poderá sofrer uma mordedura ou uma arranhadura (HORWITZ E NEILSON, 2007). As brincadeiras servem para os gatos aprenderem a caçar e também para se socializar com outros de sua espécie. Para parar de brincar, existe um sinal: curvam as costas, empinam o rabo e saem do local. O tato desses animais é muito sensível e é considerado um dos sentidos que os ajuda em suas caçadas. Por esse motivo, os gatos detestam quando alguém toca em suas patas. As almofadinhas das patas possuem receptores que indicam o que está entre elas, e as garras são equipadas com nervos que revelam o quanto foram esticadas e qual a resistência que suportam (BRADSHAW, 2013).

Os miados geralmente são direcionados às pessoas, para chamar a sua atenção e conseguirem o que querem. Por isso, modulam seus miados de acordo com o "pedido" ou miam geralmente nos mesmos lugares da casa: em frente à porta quer dizer "deixe-me sair"; no meio da cozinha, "alimente-me". Como são bons caçadores, preferem dissimular suas emoções e manipular as atitudes do adversário. É por isso que, quando estão com medo, encolhem-se, tentando parecer menores do que são e fogem sem serem notados, ou tentam parecer maiores, curvando as costas e levantando os pelos. É a tentativa felina de manipular as emoções do oponente (BRADSHAW, 2013).

A cauda levantada na vertical é um sinal da boa intenção de um gato para com outro gato, e é o sinal mais claro da afeição de um gato por um humano. Ainda devido à sua descendência, os exemplares dessa espécie costumam ser territorialistas e solitários. Depois de adultos, eles

geralmente se dão mal com outros gatos, com exceção daqueles animais que são os membros da família, que conhecem desde filhotes. A melhor maneira de evitar brigas é dividir os locais onde comem e dormem (BRADSHAW, 2013).

Também, os felinos costumam se vincular primeiro aos lugares e depois às pessoas. Esse é um legado do animal selvagem do qual descendem, uma espécie fortemente territorialista. Um gato precisa saber que está em um lugar seguro antes de poder expressar afeição por seu dono, mas isso não significa que ele não goste do proprietário. Eles se comportam com seus donos exatamente como com outros gatos dos quais gostam, cumprimentam levantando seus rabos e esfregam suas bochechas e costas um no outro (FARACO, 2008; BRADSHAW, 2012).

CONCLUSÃO

Assim, conhecendo o histórico e as diferenças existentes entre cães e gatos, e estudando as distintas situações envolvidas na relação humano-animal, o médico veterinário, em especial o que atua na clínica de pequenos animais, poderá contribuir para a promoção da saúde humana e animal, na medida em que previne zoonoses e conscientiza os proprietários sobre a melhor conduta para com os seus animais de estimação, possibilitando que continuem usufruindo dos benefícios que estes podem proporcionar no seu dia-a-dia. É fundamental conscientizar o médico veterinário sobre a sua importância no contexto da saúde pública, valorizando e ampliando sua atuação profissional.

REFERÊNCIAS

CHA, P.; SZYFRES, B. **Zoonosis y enfermedades transmisibles comunes al hombre y a los animals.** (Publicación Científica, n.580) 3 ed.

Washington, D.C.: Organización Panamericana de la Salud, 2001. 989p.

ABINPET. Associação Brasileira de Indústria de Produtos para Animais. Mercado Pet Brasil. São Paulo. [acesso em dez 2016]. Disponível em: <http://abinpet.org.br/site/mercado>

BEAVER, B. V. **Comportamento felino: um guia para veterinários.** 2 ed. São Paulo: Rocca, 2003, p. 139-188.

BRADSHAW, J. W. S. **The behaviour of the domestic cat.** Cabi, 2012.

BRADSHAW, J. W. S. **Dog Sense: How the New Science of Dog Behavior Can Make You A Better Friend to Your Pet.** Hardcover Ed. Basic Books, 2013, 352 p.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Brasil atento a Raiva Humana.** 2011. Disponível em: <http://portal.saude.gov.br/portal/saude/visualizar_t_exto.cfm?idtxt=25213>.

CHANG, Y.; MCMAHON, J. E.; HENNON, D. L.; LAPORTE, R. E.; COBEN, J. H. Dog bite incidence in the city of Pittsburgh: a capture-recapture approach. **American Journal of Public Health**, Washington, DC, v. 87, n. 10, p. 1703-1705, 1997.

CRUZ, M. J. T. D. **Epidemiologia de problemas comportamentais em cães e gatos em Portugal.** Relatório Final de Estágio de Mestrado Integrado em Medicina Veterinária. Apresentado no Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar, na Universidade do Porto. Porto, Portugal. 2012, 38p.

DEL-CLARO, K.; PREZOTO, F. **Comportamento Animal. As distintas faces do comportamento animal.** São Paulo: Sociedade Brasileira de Etologia/Editora e Livraria Conceito, v. 1, 2003, p. 10-13

DERR, M. **How the dog became the dog: from wolves to our best friends.** Penguin, 2011.

- DOTSON, M. J.; HYATT, E. M. Understanding dog-human companionship. **Journal of Business Research**, Athens, v. 61, n. 5, p. 457-466, 2008.
- ENCICLOPETS. **Guia de entendimento dos sinais corporais e verbais do cachorro**. 2013. Disponível em: <<http://www.enciclopets.com.br/guia-de-entendimento-dos-sinais-corporais-e-verbais-do-cachorro/>>.
- EUROMONITOR. Euromonitor International. **Pet Care in the World**. 2016. Disponível em: <<http://www.euromonitor.com/pet-care>>.
- FARACO, C. B. Interação humano-animal. **Ciência veterinária nos trópicos**, v. 11, n. supl 1, p. 31-35, 2008.
- FOX, M. W. **Behaviour of wolves, dogs and related canids**. New York, Harper & Row Publishers, 1971.
- FRIAS, D. F. R.; LAGES, S. L. S.; CARVALHO, A. A. B. Avaliação da conduta de profilaxia antirrábica humana indicada para pessoas envolvidas m agravos com cães e gatos no Município de Jaboticabal, SP, no período de 2000 a 2006. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 14, n. 4, p. 722-732, 2011.
- GENARO, G. Gato doméstico – Comportamento & Clínica Veterinária. MEDVEP. **Revista Científica Medicina Veterinária de Pequenos Animais de Estimação**. 3 ed., n.9, p. 16-22, 2005.
- GRISOLIO, A. P. R. **Atendimento Antirrábico Humano Pós-exposição: Proposta de intervenção e estudo da percepção do comportamento de cães e gatos envolvidos nos agravos**. 2014. 116f. Dissertação (mestrado em Medicina Veterinária). Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias. Departamento de Medicina Veterinária Preventiva e Reprodução Animal. Universidade Estadual Paulista – Unesp, Jaboticabal, São Paulo, 2014.
- HORWITZ, D. F.; NEILSON, J. O. **Comportamento canino & felino**. Editora Artmed. 2007.
20. JENKINS, S.R.; AUSLANDER, M.; CONTI, L.; JOHNSTON, W.B.; LESLIE, M. J.; SORHAGE, F.E.; Compendium of animal rabies prevention and control. **Journal of the American Veterinary Medical Association**, v. 221, n. 1, p. 44-48, 2002.
- LANTZMAN, M. **Vida em matilha, digo família**. 2007.
- MARINELLI, L.; ADAMELLI, S.; NORMANDO, S.; BONO, G. Quality of life of the pet dog: influence of owner and dog's characteristics. **Applied Animal Behavior Science**, Amsterdam, v. 108, n. 1-2, p. 143-156, 2007.
- MEDITSCH, R. G. M. **O médico veterinário, as zoonoses e a saúde pública: um estudo com profissionais e clientes de clínicas de pequenos animais em Florianópolis, SC, Brasil**. 2006. 147f. Dissertação (mestrado em Saúde Pública). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, 2006.
- MOLENTO, C. F. M. Medicina Veterinária e bem-estar animal. **Revista do Conselho Federal de Medicina Veterinária**, v. 9, n. 28, p. 15, 2003.
- NASPHV. National Association of State Public Health Veterinarians. Compendium of animal rabies prevention and control. Morbidity and Mortality weekly Report. **Recommendation and Reports**, v. 53, n. RR-9, p. 1-8, 2004.
- NUNES, J. O. R. **Contribuição para o estudo da dinâmica de populações de cães e gatos do Município de Jaboticabal, São Paulo**. 2011. 91f. Dissertação (mestrado em Medicina Veterinária). Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias. Departamento de Medicina Veterinária Preventiva e Reprodução Animal. Universidade Estadual Paulista – Unesp, Jaboticabal, São Paulo, 2011.

PATRICK, G. R.; O'ROURKE, K. M. Dog and cat bites: epidemiologic analyses suggest different prevention strategies. **Public Health Reports**, Thousand Oaks, v. 113, n. 3, p. 252-257, 1998.

REICHMANN, M. L. A. B. Impacto de medidas de prevenção de agravos produzidos por animais da espécie canina, em carteiros da empresa de correios e telégrafos do Estado de São Paulo, no período de 2000 a 2004. **São Paulo: Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia, Universidade de São Paulo**, 2007.

ROSSI, A. Os ataques de cães e a lei. **Cães & Companhia**. n. 296, p. 48, ed. Janeiro, 2004.

SÃO PAULO. Centro de Controle de Zoonoses de São Paulo. **Planejamento do programa de prevenção de mordeduras de cães e gatos em São Paulo**. Embu: CCZ, 2003. Trabalho apresentado na 1ª Reunião para implantação do regime de prevenção de mordeduras de cães e gatos. Embu das Artes, 2003.

SÃO PAULO. Centro de Controle de Zoonoses de São Paulo. **Criando um amigo: manual de prevenção contra agressões por cães e gatos**. São Paulo: Secretaria Municipal da Saúde/Prefeitura do Município de São Paulo, 2004. 32 p.

SANTOS, M. I. M. M. F. **Epidemiologia das alterações comportamentais em cão e gato da consulta de referência em Portugal**. Portugal. 2014.

SERPELL, J. A. **Domestication and history of the cat**. In: TURNER, D.C.; BATESON, P. The domestic cat: The Biology of its behaviour. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. p. 180-191.

TURNER, D. **Animais são a cura do Século XXI**. 2005. Disponível em:

<http://acheicaesegatos.wordpress.com/2012/12/25/animais-sao-a-cura-do-seculo-xxi/>

VELOSO, R. D.; AERTS, D. R. G. C.; FETZER, L. O.; DOS ANJOS, C. B.; SANGIOVANNI, J. C.

Perfil epidemiológico do atendimento antirrábico humano em Porto Alegre, RS, Brasil. **Revista Ciência & Saúde Coletiva**, v.16, n.12, p.4875-4884, 2011.

WHO. WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Rabies home – Animal rabies**. 2016. Disponível em:

http://www.who.int/rabies/home_animal_rabies/en/index.html.